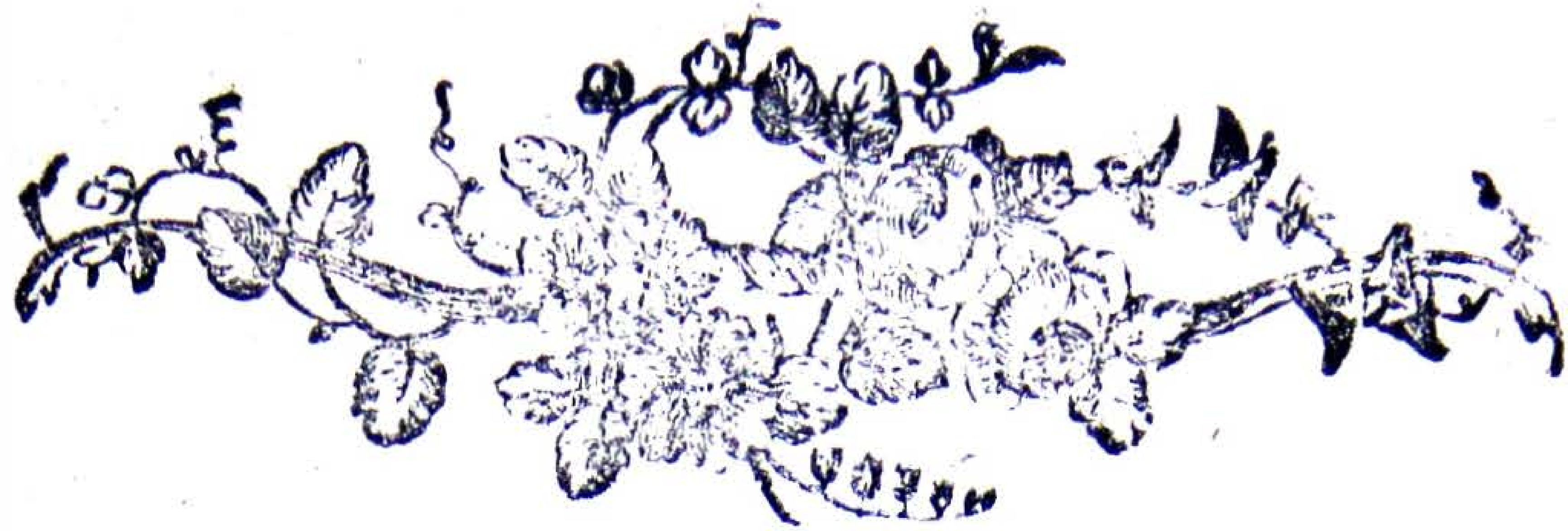


ESTUDOS LITTERARIOS

FINALIDADE DO MUNDO
de R. Farias Brito

Ha em uma das *stanzas* do Vaticano um grande fresco a *Escola de Athenas*, obra-prima do famoso pintor de Urbino, em que o genio da arte, retratando toda a sua potencia, desenha a desenvolução cultural da civilisação, o diagramma ascencional da intelligencia humana. Representa a historia da philosophia antiga, de Platão, do sabio de Stagira, *il maestro de colui che sanno* e de seus discipulos de todos os matizes.

A *Finalidade do Mundo* (1.º vol.) lembra um aspecto do bellissimo quadro do divino Raphael, que tão alto conceito mereceu do papa Julio 2.º deixando-o unico no vasto salão.

Parece que o pensador cearense tinha o seu cerebro todo cheio do celebre fresco quando escreveu o primeiro volume da sua obra, onde chama a contas, em revista geral, todos os systemas modernos da philosophia, expondo-os, examinado-os com um saber admiravel na constricção do meio, estreito, sem livros, sem estimulos.

O livro, posso dizer, é o itinerario de rapida viagem em

companhia de conversadores agradaveis atravez os vales e montanhas do paiz philosophico; um livro, pensado, escripto com todas as energias da convicção, com todo o ardor da paixão, em uma palavra, um livro allemão, não no sentido de obscuridade, mas no de ser um producto da graveza da reflexão.

A philosophia é o estudo favorito de Farias Brito, cumula-lhe a mentalidade de todos os difficeis problemas agitados n'este agitadissimo descambar do seculo.

O moço philosopho insulou-se dez annos na inhospita Groenlandia de seu assumpto predilecto, quasi exclusivo, leu-o de debaixo, de cima, pelos quatro lados, releu-o sob todos os pontos de vista, mergulhou ás profundezas deste oceano sem fundo, sem praias, veio á tona, abriu as azas e alou-se ás serenas rêgiões do mundo do pensamento, donde volta agora sobraçando a fulgente somma de seu esforço pessoal, de suas rijas faculdades de trabalho.

Vae discutir uma these tão velha como o mundo, a qual o virtuoso Littré declarando-a insoluvel, arreda do terreno scientifico, do circulo da philosophia, deixando a cada um sobre ella pensar intimamente o que lhe parecer mas por outro lado tão nova, tão despertadora da curiosidade humana que o velho Gœthe chama a grande questão que o homem não pode resolver, mas que deve abordar, tão nova, crê o nosso auctor, como a ultima descoberta da electricidade.

Brito recebeu inspiração do maior dos allemães, do philosopho—poeta do Fausto, e abordou o temeroso problema, promettendo uma solução sua.

A caracteristica da nossa edade, maxime, ao descer a aba do lado opposto da montanha—dizem os entendidos, é o facto positivo, o caso concreto, a sciencia exacta, o resultado pratico. E' sua a palavra do personagem de Dickens «*now what I want is facts*».

A metaphisica sahiu do seu cyclo de ouro que já fica muito atraz — penetra no seu apertado periodo de ferro, não ha negal-o.

Mas as graves indagações da philosophia, como visões atrevidas e seductoras, como bellas elfinas scandinavas, le-

vantam-se no meio do borburinho da industria, da actividade fragorosa do camartello dos alveneis, por entre os resultados das sciencias praticas, reclamado a attenção do nosso philosopho, dos que ousados consagram vigililas á pesquisação das questões especulativas, abstractas, abstrusas.

Platão tinha dito no *Timeu—o homem não é uma planta da terra, mas uma planta do ceu*, e o silencio das locubrações de Brito é perturbado pelas *rapidæ cogitationes* de Santo Agostinho, pelas *percepções surdas* de Leibnitz, pelos mysterios eleusinos da finalidade, por um enxame de questões, qual mais temerosa, qual mais exigente, gravitando todas em torno da questão capital de Gœthe, o problema eterno da humanidade, *o enigma do mundo*, como o titulava Dubois Reymond, o enigma irresoluvel, como o nomêa A. Lange.

E o jovem escriptor, humanista, poeta, litterato, bacharel em direito deixa a mesa arrumada de livros, onde estudava as complicadas proposições de direito — que já lhe davam uma conspicua representação e bonitos resultados monetarios no foro, e entrega-se corpo e alma a sua idéa dominante, a feiticeira de seus sonhos e entra no vestibulo do mundo difficil da philosophia.

Leio na vida de S. Thomaz de Aquino, o *doutor angelico*, o «anjo da escola»—que o Christo lhe apparecera um dia em sonho e lhe perguntara—que recompensa desejava para a sua douta «Summa Theologica». «Nenhuma outra, alem de ti, Senhor».

E' o desinteresse da philosophia, é a abnegação genuinamente santa do grande Santo. E' o desprendimento sublime do rei Lear do drama shakspeareano.

E' o sympathico desapego de Brito, que pensa da philosophia o que Bacon pensava da religião,—ser ella «o aroma que impede a sciencia de se corromper.»

O illustre escriptor deixa para o terceiro e ultimo livro a exposição de seu ponto de vista, a marmorisação da sua theoria.

Da *Introducção*, que é uma miniatura da sua conce-

pção, em ligeiro escorço da sua doutrina ja transparecem, uns longes da solução promettida.

Ahi a penna não é embebida na alegria da vida despreoccupada, risonha da antiguidade pagã, não apothéosa a alegria do viver com as exhuberancias da grande tela de Koll, *As alegrias da vida*, ultimamente exposta em um dos salões de pintura de Paris. Não. Pelo contrario,—um tom de tristeza, de desalento d'aquelle soffrer das tragedias do Eschylo transluz do livro—que se acrava aos dissabores diarios da vida. Transpira logo da primeira pagina a sombra da leitura preferida de Brito, de uma notavèl escola allemã.

Não tenho sufficiencia para criticar o valor do trabalho, temo arranhar-me nas arestas da fraga do assumpto, mas quero dar uma ligeira idéa do intuito do livro.

O modo por que F. Brito encara o problema serà a mais elevada maneira de vel-o na actualidade? Terá elle a exacta e verdadeira comprehensão moderna do mundo?

Renan, o profundo philologo das linguas semiticas. o erudito mestre da sciencia das religiões publicava em 1819 substancioso estudo *Reflexões sobre o estado dos espiritos* em que começa desfazendo o logar commum—de que «o tempo das revoluções é pouco favoravel ao trabalho do espirito, de que as artes merecem o classico epitheto de amigas da paz.»

Com a historia da humanidade aberta em todas as suas paginas douradas mostra que os grandes movimentos são o meio da desenvolução do espirito. Exemplifica o seu modo de ver trazendo para o seu quadro as luzes e sombras do seculo de Leão X—que chama *o seculo creador por excellencia*.

De facto o seculo de Luthero e Ignacio de Loyola é a estação da lucta, em todos os sentidos, em todos os degráos da ascenção civilisadora, o largo periodo das rivalidades, das conjurações. das invasões, das conquistas, dos massacres, das reformas, mais tambem ou por isto mesmo o tempo de Ariosto, Machiavel, Miguel Angelo, Raphael, Calvino, Rabelais, Montagne, Cervantes, Bacon, Shakspeare, Copernico, Erasmo, Camões, etcetera, etcetera.

Quem sabe?

A sociologia adapta a seus dominios a conhecida lei de physica—«os corpos dilatam-se pela acção do calor e retrahem-se pela acção do frio.»

A lucta é o grande factor do adiantamento dos povos, o poderoso agente da ascenção para a luz, a pedra de mais peso da sociedade. E' o instrumento incisivo da selecção.

Já não ha negal-o—é a lucta o grande factor do direito. E' o brilhante conceito de Iering, o mestre dos mestres:—«é a razão porque a justiça que suspende em uma das mãos a balança em que pesa o direito empunha na outra a espada que serve para fazel-o valer.»

E' a comprovação do facto averiguado por Ern. Renan.

Parece que o eminente francez tinha sob a retina illuminada a decada actual do nosso pobre paiz perdido a um canto da civilisação contemporanea.

Na realidade os nossos centros litterarios e scientificos marasmavam dentro de cançada atonia;—de 1890 para cá receberam novos elementos vitaes e exuberaram em rica florescencia. E têem desenvolvido notavel actividade em diversas provincias do conhecimento.

Posso repetir a palavra celebre de Napoleão:—« a politica, eis a fatalidade.»

A politica—eis a profissão procurada. a profissão absorvente da mentalidade da maioria dos homens de nota do paiz.

A revolução pol-os de lado. Ficaram uns *declassés*, foram restituidos a seus gabinetes, á intimidade de seus livros. Meditaram por alta noite os graves problemas em discucção, viajaram pelo mundo culto, palestraram as notabilidades mais em evidencia—e a producção litteraria e scientifica avolumou-se, como onda que cresce.

No pequeno meio cearense.

F. Brito politicava em 1892, estava nas sympathias d'esta fada de mil fascinações—que lhe consumia o horario do trabalho.

A revolução riscou-o. A *Finalidade do Mundo* é o fulgido resultado desse descanço.

O lívro, o primeiro dos tres que constituem a obra, divide em desenove capitulos, precedidos da introducção— em que são riscadas as linhas geraes da theoria a explanar na parte derradeira.

Começa affirmando que «na marcha geral da sociedade as manifestações fundamentaes do espirito humano são a politica e a philosophia. Aquella dá o direito, esta a moral, as duas alavancas do grande mechanismo social.» Levanta adiante com material seu o muro que extrema as duas espheras do direito e da moral. Confundem-se em um ponto, ambos regulam a conducta do homem; mas distinguem-se—porque o direito parte da sociedade, a moral do individuo.»

Critica em seguida o realismo dos inglezes e o idealismo dos allemães, expõe as divergencias de A. Comte e H. Spencer, — divergindo por sua vez de ambos, isto é, que «a philosophia não é a mesma cousa, não tem o mesmo objecto que a sciencia». «A philosophia é uma arvore; as sciencias são os ramos mais ou menos frondosos desta arvore, o fructo que ella produz»; «é uma luz, as sciencias são os raios mais ou menos brilhantes, que emanam desta luz.»

Espiritualismo e materialismo, pantheismo e idealismo, subjectivo e objectivo, a priori e á posteriori, absoluto e relativo, o noumenon e o phenomeno, a intuição e a experiencia, e o porque e o como—isto é, as escolas que se clausuram nos factos, nas *condições determinadas* de C. Bernard e as que saltam estas paredes, vão alem, ao *incondicionado* de Kant, ás questões das origens—tudo desfila ante a analyse do autor da *Finalidade do Mundo*.

Estuda Brito *a metaphysica e o positivismo* em capitulo que a 26 de setembro ultimo leu em sessão da *Academia Cearense* e que no *Commercio* do dia seguinte eu resumi na noticia, que peço venia para intercalar aqui.

. . . .

E accedendo, o philosopho academico leu um capitulo em que explanando diversos systemas de philosophia, fez concisa e lucida exposição da escola, que tem por lei

fundamental o principio assim formulado:—«tudo começa sob inspiração theologica para ir ter a demonstração positiva passando pela argumentação metaphysica» e que Stuart Mill chama *a espinha dorsal* do systema; depois penetra na floresta escura da philosophia allemã, quasi tão aspera—como a floresta do primeiro canto da Divina Comedia. E em palavras tão claras, quanto possivel, fez apreciação brilhante do idealisimo transcendental de Fichte, do systema de Immanuel Kant, o maior dos philosophos allemães, no conceito de Gœthe, da theoria de Hegel, de Schelling, de Schopenhauer, mergulhou nas funduras d'aquella metaphysica nebulosa e subiu com diversas gemmas d'ella, fallou no *espirito subjectivo*, no *espirito absoluto* e em muito cousa mais, apresentou diversos excerptos d'aquelles philosophos, verdadeiramente inintelligiveis a desafiar novos Edypos.

....

A metaphysica (*meta*, alem e *physis*, natureza) era no tempo de Aristoteles «a sciencia da origem das cousas, das causas primarias e finaes.»

Para Paul Janet, um dos primeiros luzeiros do espitualismo contemporaneo) (*La crise philosophique*, pag. 126) «*quiconque pense et reflexit sur les origines des choses est metaphysicien.*» Eis definida a metaphysica, eis ainda na actualidade o conceito aristotelico.

Em boa companhia está o illustre auctor da *Finalidade*. E' metaphysico com Lange, o auctor da sua biblia, a *Historia do materialismo*, com Schopenhauer, com Hartman, com o monismo philosophico de Ludwig Noiré. Mas o é em termos, independente, á sua feição.

Brito estreita o circulo das pesquizas metaphysicas, eliminando d'ella o *incondicionado* de Kant para chamal-a *metaphysica naturalista*, nome incisivo, mas improprio, contradictorio, parece, como ao systema da indifferença do differente chamou-se «idealismo objectivo».

A metaphysica deve existir? pergunta e seguidamente responde—eis a grande questão que revoluciona o espirito moderno». «A metaphysica (pag. 54) é uma necessi-

dade fundamental do espirito humano» ; mas affirma (pag. 111) que «a philosophia se divide em systemas numerosos e oppostos, que absorvem toda a actividade do espirito em luctas estereis e desesperadas.»

E' por estas *avançadas inuteis* que Littré arreda a indagação metaphysica dos dominios da sciencia e da sua philosophia.

E' muito sabido. Para A. Comte a metaphysica não era uma sciencia, era apenas um estado do espirito, a transicional do estado theologico para o estado positivo. Talvez um exagero sectario do espirito de escola.

Brito propõe que os factos metaphysicos não ultrapassem a esphera da natureza, não exorbitem das raias dos maravilhosos segredos da natureza, sendo que «a caracteristica do pensamento moderno deve ser a eliminação não da metaphysica, mas do sobrenatural.»

«A metaphysica é a sciencia dos phenomenos que não são physicos», «que são os que não podem ser explicados mecanicamente», ou mais simplesmente a metaphysica é a propria psychologia».

Mas se o *psychismo* já é estudado sob denominação moderna, para que dar-lhe lettreiro outro, desnecessario, avelhentado? Já não será por em duvida a vida da metaphysica? Não será o cercear de construcção já minada?

Brito muito imbuido da philosophia germanica, mas propriamente da philosophia metaphysica traz tambem — na esphera de seu talento e conhecimentos—uma *nuance* metaphysica –pretende mostrar que a metaphysica não é puramente a transicional de Comte, mas uma companheira inseparavel do homem em todos os estadios da evolução.

Para viajar n'este mar sem praias Littré confessava não ter *ni barque ni voile*. Tem-nas Brito e eil-o palinurando a sua nau. Expõe uin novo matiz do novo modo de ver de alguns philosophos, entre os quaes, posso nomear Marcelli, mas que propôem trocar o termo por *metempirica (meta* alem, *piria*, o conhecido). Para adequa-la, penso eu, ao quartel derradeiro do seculo. Clovis Beviaqua, luminar da Faculdade do Recife, que não é meta-

physico, entende que alem do empiricamento conhecido, podemos lobrigar alguma cousa por inferencias logicas.»

Por estas modificações propostas todas dentro das escolas — eu continúo a sustentar que a metaphysica atravessa o seu periodo de ferro. Para acompanhar o movimento, que se accelera, tem de revestir novas formas para ainda agremiar espiritos de eleição, como o auctor da *Finalidade*, para ter ingresso nos agapes do tempo da objectividade, para se pôr em evidencia no regime da positividade dezenovista. O seu objecto nunca foi determinado com precisão. Cada philosopho. dentro do circulo traçado, a faz a seu modo. Para Wolf ella era a *ontologia* que Kant por sua vez substituiu por *philosophia transcendental*. E' portanto a hypothese transcendente, a inversão das leis da immanencia. E como *metaphysica naturalista?*

O pensador varonil da *Finalidade* impressionou-se vivamente com o problema da *renovação philosophica*. E traz, operario de vulto, a sua pedra para o grande edificio a construir.

Espirito viajado pelas altas regiões da patria da philosophia, onde é abraçado patricio, tem-nas percorrido em todos os sentidos, em todos os lugares, em todos os tempos. Assistiu e assiste ainda a grande lucta travada entre o platonismo e o aristotelismo, subjectivismo e objectivismo, transcendentalismo e naturalismo, que se degladiam renhidamente desde os aureos tempos da civilisação grega. Convenceu-se talvez de que já não ha novidade em philosophia. de que esta é uma e sempre a mesma, como opinava Hegel, e procura uma approximação entre os dois pendores divergentes da intelligenoia. Persuadido da permanencia da metaphysica e o seu conflicto com o espirito moderno apresenta com muita finura o ramo de oliveira da conciliação, da irmanisação, adequando-a a positividade dezenovista.

«Philosophia e sciencia» é capitulo em que Brito traça as raias—que as extremam. Pensa assim: « sciencia é o conhecimento feito, philosophia é conhecimento em vias de formação.» « E' o principio mesmo gerador do conheci-

mento, é a intelligencia em acção explorando a natureza e produzindo a sciencia.»

Este capitulo foi a 10 de outubro ultimo lido na *Academia Cearense.* No dia seguinte summariei-o assim no *Commercio :*

. . . .

Na hora da ordem da *noite* proseguiu na leitura do seu livro o philosopho illustre da *Finalidade do Mundo*, continuando a analyse da philosophia de A. Comte, que disse, com Paul Janet, ser «uma metaphysica mutilada»; criticou a classificação das sciencias, a lei dos tres estados, que disse peccar por falsa e incompleta, não abrangendo no tempo e no espaço o diagramma evolucional da historia; a incongruente *religião da humanidade*—que taxou de não se adequar aos principios dominantes da doutrina analysada, tanto que foi repudiada por Littré, o seu segundo fundador, no dizer de Caro. Ainda—que a relatividade do conhecimento—que alardeava o positivismo principio seu, não o era, mas muito anterior, já desenvolvido de muito tempo, por Kant, W. Hamilton e outros philosophos; discutiu factos irreductiveis de diversas sciencias, citou a divisa de Socrates—«só si uma cousa e é que nada sei»—que fizeram sua os scepticos seiscentistas Montagne, Charron e Sanches no 17.º seculo; apresentou claramente e em tom convencido o intuito de seu livro, o seu ponto de vista metaphysico, mas seu, todo seu, novo, original e terminou o seu excerpto com as palavras do inicio definindo a sciencia o conhecimento feito, organisado, a philosophia o conhecimento em vias de formação.

. . . .

A philosophia é o esboço, a primeira delineação da sciencia, é a sciencia rudimentar.

Será acceitavel o novo ponto de vista ?

Iniciado nos fundos mysterios, nos reconditos segredos da philosophia Brito é um *esoterico.*

Não tenho siquer a pretenção de ser um *exoterico*. Sou um estrangeiro n'estas paragens difficeis.

Mas peço venia para pensar invertida a evolução, que affirma começar pela philosophia e terminar pela religião.

As noções religiosas foram o primeiro raio de luz a jorrar na madrugada da civilisação, no longinquo primeiro crepusculo da vida dos primeiros homens assombrados do mundo, que os envolvia em uma inextricavel rêde de pavores.

Foi esta a alvorada da vida na entrada da historia. Da edade paleolithica da prehistoria começa o penoso itinerario da animalidade para o engrandecimento do homem no tempo e no espaço.

A philosophia assenta no concreto das sciencias ou antes é a synthese das sciencias particulares. Vem depois.

Repete «no ponto culminante do seu livro» que «a evolução do pensamento inicia-se pela philosophia e termina pela religião». A este formoso capitulo chamarei melindroso, e tambem um suavissimo canto de sereia, um perigo attrahente de doutrinas inadmissiveis.

Documenta a opinião affirmando que «o fim da philosophia é a moral e que não ha moral sem religião»; «que esta em accepção mais ampla comprehende tudo— governo, legislação, moral.» «Tal foi na civilisação primitiva, tal será no futuro», quando for inaugurada a *religião do futuro* «Ha de ser creada uma religião nova sem o que não pode ser mantida a civilisação contemporanea que terá fatalmente de dissolver-se e morrer».

«Que o governo deve ter uma religião, sob pena de degenerar em despotismo, e a communhão social em pugilato de interesse.»

Um feixe de questões que se desdobram umas das outras a pedir exame.

Sinto lealmente desacordar-me do franco e corajoso publicista—por quem tenho a mais viva sympathia, a mais sincera admiração.

Parece-me envolverem-no uns restos de concepção metaphysica que o levam a identificar philosophia, moral e religião.

Sem espaço para desenvolvimentos toco em linha recta, muito de leve nestas questões.

E' Brito partidario da religião do Estado. Não acceita logicamente todas as acquisições do direito publico moderno, que increpa de «fazer guerra a todos os grandes principios que são a garantia da *ordem*». Recusa por transicional a bella formula do Conde de Cavour, que tem as vibrações suaves de uma flammula sacudida pelos ventos no alto de um torreão. E' adversario da separação da Egreja do Estado e naturalmente dos seus consectarios.

E', de futuro, sectario da doutrina dos semitas, dos arias orientaes, de Innocencio 3.°, de Gregorio 7.°, da absorção do poder temporal pelo espiritual. A religião dominando só, absorvendo tudo.

Não haverá ahi uns longes, um sopro subtilissimo do espirito que inspirou as *Soirées* do caloroso Conde J. de Maistre? Não será um retorno a theocracia das civilisações primitivas?

Não é isto uma falha nos moldes democraticos do direito novo? Um retrocesso?

Parece o diagramma traçado na lei cyclica do *corso e ricorso* do philosopho napolitano Giambaptista Vico, a humanidade voltando a seu ponto de partida? Não será a circularidade do progresso?

Para o convencido philosopho a moral decorre inevitavelmente da religião.

Nãe acceito a affirmação.

«A moral, se disse, ata e desata aos homens». Prende-os na unanimidade de sua existencia, desprende-os, quanto a sua origem em raios dispersivos, como a luz atravez um prisma de materia transparente.

A intuição da moral religiosa era uma idéa — que descia do ceu á terra, prescripta por um poder supremo. O novo intuito da moral—é uma producção do espirito — que sobe de debaixo das necessidades humanas no *struggle for life*.

Religião e moral são noções distinctas.

E' a ultima a somma das noções e regras destinadas a dirigir a conducta, accumuladas nas diversas etapas da civilisação, evoluindo com a evolução de todas as creações humanas.

Cicero, o mais insigne dos oradores romanos, publicista e philosopho, na obra de sua predilecção, a conceituosa e bellissima *Republica*, consagra o sexto e ultimo livro as instituições religiosas. Resta desta parte derradeira um magnifico fragmento, *o sonho de Scipião,* em que leio proclamadas a unidade divina e a immortalidade da alma.

Por coincidencia de apreço a *Finalidade* termina pelo problema religioso emergindo de um sonho, em que se dão combate a luz e a obscuridade.

Quero mostrar a affinidade dos homens de valor mental—porque é a unica parecença dos dois livros.

Brito escrevendo — não se lembrou com certeza da obra-prima do purissimo prosador latino. Pensava talvez na conhecida phrase da carta de Winckelmann á Franke «...ahi encontrareis cousas que ainda não foram ditas...»

O ultimo capitulo, *A religião naturalista,* que o auctor chama «o mais grave e o mais profundo do livro», porque «o grande problema da religião e da theologia foi sempre a preoccupação constante de sua vida» e cuja solução lhe foi indicada no sonho é a apotheose da supremacia da luz, da *verdade suprema,* do *grande principio,* do principio regulador do mecanismo do mundo,» «do que ha de mais elevado na natureza.» «A luz é um immenso oceano envolvendo tudo que existe.» A luz é o Deus da *religião naturalista.*

E' uma concepção formosissima, vestida de desusado brilho, de magnificencias orientaes.

Mas parece uma renascença do pantheismo indiano, da religião hindua, de que a maravilha de todos os dias, a magia da luz primeiro revelara a divindade.

Deus se revela ao philosopho egualmente pela luz, como na alta antiguidade dos Vedas, em que as auroras eram as *genetrices mundi !*

Eu creio (Max Muller, Essais sur la mythologie comparé, pag. 181 da trad. franc.) eu creio que na sua concepção primitiva os deuses foram quasi sempre solares.»

«O sol (M. M. Lecc. de la science du langage, 2.° vol. pag. 252, ed. franc. de 1868) o sol forma o thema principal dos mythos das raças arias.»

á pouco se vae divinisando por uma especie de apposição. Deus transforma-se para acompanhar a progressão humana!

Se me permittisse– eu dir-lhe-hia—esqueceu-se de que cavava no solo da philosophia, de que trabalhava na argila sagrada da sciencia, alou-se ao paiz das ficções, aos ceus da imaginação e produziu graciosa fantazia, imitando um hymno do Rig-Veda.

Se «não ha religião presentemente no mundo», se «passou a epocha das convições e dos grandes enthusiasmos» se ecclipsou.se o fervor religioso, se desappareceram as explosões da fé, como viavel o novo dogma a corporificar um sentimento arreferido e a conquistar a todos os povos?

Terá a religião a ductilidade do ouro para amoldarse a feição mesmo do mais consummado artista em uma era, em uma situação dadas?

Brito pela unção de crente a evolar-se de sua alma hypersensivel affasta-se da comprehensão absolutamente mecanico-naturalista do mundo — sello do espirito novo, que não transpõe o recinto fortificado de seu *sensorium*— porque julga insufficiente e incompativel com a delicadeza de seus sentimentos.

A theoria do livro é uma explicação em desacordo da interpretação positiva da natureza, que predomina na actualidade e donde decorre a despreoccupação da finalidade.

E' o que está derramado no ambiente intellectual.

E' um pensador singular, domina-se pela regra de Sterne «*ne prenez aucun souci des dogmes des écoles et allez droit au cœur comme vous pourrez.*»

E' sua a theoria apresentada. Seja acceita ou não, é sua, todo sua.

«*Evolução e finalidade* é a nova formula proposta e a desenvolver no ultimo livro.

As minhas divergencias não empanam os fulgores do livro. São sombra de realce do quadro.

Por sua meditação persistente, pela ousadia da concepção, pela novidade do ponto de vista, o auctor da *Fi-*

«O mytho de Osires (Maspero, Hist. Anc., pag. 38) é proveniente do nascimento e occaso do sol.»

O mesmo se pode dizer do mytho de Mithra, da theogonia de Zoroastro.

Como os grandes timoneiros do pensamento, Brito é pantheista por que na sua religião se confundem creador e creatura.

Deus é a luz, como Indra, o sol do Oriente, *viator in cœlo, fulgidum jubar*, a luz do dia da religião de Brahma.

A luz, o novo Deus, é a transformação do calor, o calor a transformação do movimento. Mas «a creação é o movimento, de que Deus é a força.» Logo claramente se confundem, quasi se identificam creador e creação.

Brito n'este capitulo de seu livro é pantheista á Spinosa, a Uriel Acosta, assume uns ares dos pensadores da Hollanda, no 16.° seculo, trabalhando dentro da torre de Ugolino do seu problema.

«Tudo vive dentro da luz.» Não é pantheismo á Giordano Bruno? Ao scepticismo christão alliava o pensador de Nola vivissima necessidade de crer, ancia de innovação, crença na victoria de suas idéas: a religião christã oppoz a *religião natural*. Para elle Deus era a vida de todas as cousas—*natura naturans*.»

Brito é tambem um acatholico dominado da obsessão da crença, do contagio santo dos mysterios da religião, da paixão irresistivel da latria, do culto a um Deus, semipantheismo do apostolo de Tarsa—*in illo vivimus, movemur et sumus.*»

E' a luz o *Deus verdadeiro e unico. Deus torna-se assim manifesto, visivel, permanente.*

Permanente? Mas permanencia, deve leccionar o illustre philosopho, é estabilidade, é duração constante, é immutabilidade.

Ora o auctor acceita a theoria de «que a luz que o sol vae perdendo continuamente não se extingue», mas «transforma-se nas producções do espirito humano.»

Logo a luz é um Deus a revestir novas formas para se ir adaptando ás evoluções da creatura, a qual pouco

nalidade se mostra de elevada estatura e vae ficar em plena evidencia.

O seu livro revela um talento fecundo e enorme somma de erudição.

Para ultimar a sua leitura—uma derradeira observação.

O Alighieri, o divino Alighieri termina os tres cantos da *Divina Comedia* pela palavra *stelle*. A *Finalidade* finalisa pelo verbo sublime—Luz.

PEDRO DE QUEIROZ

